



XVIII Encontro de Extensão Universitária da Universidade Federal de Campina Grande.

Extensão Universitária: Transformando Realidades e Construindo Esperança.

De 18 a 26 de março de 2025.

Campina Grande, Patos, Sousa, Pombal, Cuité, Sumé e Cajazeiras, PB – Brasil.

MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA: SERÁ QUE JÁ PASSEI POR ISSO?

Maria Eduarda Silva Santos¹, Anúbes Pereira de Castro², Denize Santos Saraiva Lourenço³

anubes.pereira@professor.ufcg.edu.br e denize.santos@tecnico.ufcg.edu.br

Resumo: A violência contra mulher que ocorre desde a antiguidade é um problema presente na atualidade. Muitas mulheres ainda desconhecem o modo que ela se manifesta, pois diversas vezes a violência ocorre de forma sutil e passa despercebida, porém em outros casos a manifestação dessa agressão gera danos irreversíveis como o feminicídio. Esse programa trabalhou com um tema de alta complexidade, por meio de ações coletivas com um público feminino e promoveu a disseminação de informações acerca da violência contra mulher.

Palavras-chaves: Mulher, população, violência, saúde.

1. Introdução

A manifestação da violência contra a mulher ocorre muitas vezes de forma velada, com controle emocional, manipulação e na maioria dos casos humilhações. Posteriormente, esses comportamentos evoluem e se tornam mais agressivos, a mulher é agredida e em alguns casos até morta. E, esses comportamentos não ocorrem apenas no ambiente de casa, eles também podem ocorrer no trabalho, na família e na sociedade de forma geral. No art. 2º da Constituição Federal do Brasil. Tem-se que toda mulher, independentemente de classe, raça, etnia, orientação sexual, renda, cultura, nível educacional, idade e religião, goza dos direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sendo-lhe asseguradas as oportunidades e facilidades para viver sem violência, preservar sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual e social. (Brasil, 2006). A violência de gênero produz-se e reproduz-se nas relações de poder onde se entrelaçam as categorias de gênero, classe, raça/etnia. Expressa uma forma particular de violência global midiatisada pela ordem patriarcal, que delega aos homens o direito de dominar e controlar suas mulheres, podendo para isso usar a violência. Dentro dessa ótica, a ordem patriarcal é vista como um fator preponderante na produção da violência de gênero, uma vez que está na base das representações que legitimam a desigualdade e dominação masculina internalizadas por homens e mulheres (Araújo, 2008). A ideologia de gênero é um dos principais fatores que levam as mulheres a permanecerem em uma relação abusiva. Muitas delas internalizam a dominação masculina como algo natural e não conseguem romper com a situação de violência e opressão em que vivem e

por esse motivo muitas acabam sofrendo violência. Além da ideologia de gênero outros motivos também são freqüentes, tais como: a dependência emocional e econômica, a valorização da família e idealização do amor e do casamento, a preocupação com os filhos, o medo da perda e do desamparo diante da necessidade de enfrentar a vida sozinha, principalmente quando a mulher não conta com nenhum apoio social e familiar. Em decorrência desses fatores as mulheres permanecem em situações desagradáveis e se tornam reféns da violência que em alguns casos resulta em feminicídio.

2. Metodologia

Trata-se de um programa que discute as violências subdividido em quatro projetos, sendo esse voltado para mulheres, de cunho intervencionista, realizado por meio de ações mensais, e através destas foi possível levar informações ao público feminino. Inicialmente o contato ocorreu por meio de rodas de conversa para compreender qual a concepção de violência daquele público. Posteriormente as ações eram pautadas em promover orientação, reflexão acerca do tema, relatos de experiências e ampliação da visão das mulheres sobre a violência bem como as formas de denúncia. Nesses encontros cada uma se colocava em seu lugar de fala sobre os tipos de violência que as enfrentam em seus lares e no dia a dia nas ruas, e coletivamente ia sendo trabalhado o tema e seus enfrentamentos.

Ação na USB sobre o Outubro Rosa e violência contra mulher com a equipe da unidade. Nessa ação foi possível conversar com as mulheres sobre a importância do autocuidado, no que se refere a prevenção do câncer de mama, mas também sobre a violência que elas sofrem no cotidiano do dia a dia. Foi possível ouvir diversos relatos, nos quais, elas sofriam diversos tipos de violência como moral, patrimonial e psicológico, e muitas vezes desconhecida que aquele comportamento que seus companheiros tinham para com elas era violência.

¹ Estudante de Graduação, UFCG, Campus Campina Grande, PB. Brasil.

² Orientador, Bibliotecária-documentalista, UFCG, Campus Cajazeiras, PB. Brasil.

³ Coordenador/a, Docente, UFCG, Campus Campina Grande, PB. Brasil.



Figura 1 – Ação na UBS com a equipe da unidade.

Rodas de conversa com a população sobre o que é violência contra a mulher e distribuição de panfletos informativos, para que elas tenham conscientização sobre as formas e manifestações das violências sexual, moral, patrimonial, física e psicológica. Nessa discussão, destaca-se que a denúncia da violência contra a mulher é um passo fundamental para romper esse ciclo e acabar com esses sofrimentos, pois ao denunciar ela não está apenas fazendo um bem para si, mas também, incentiva outras a denunciarem quando estão vivendo a mesma realidade. Além disso, por meio da denúncia é possível que os agressores recebam as devidas punições.



Figura 2 - Rodas de conversa e distribuição de panfletos informativos.

3. Resultados e Discussões

As mulheres desempenham um papel fundamental na sociedade que abrange diversas áreas como política, economia e cultura. Elas possuem o direito de ser respeitadas e de não sofrer violência seja ela qual for. Entre as pessoas contempladas pela extensão mulheres vítimas de violência, podemos ressaltar o quantitativo de onze (11) mulheres e cerca de seis (6) profissionais da equipe de saúde da unidade com as ações que eram realizadas mensalmente. Nas ações foram encontrados diversos cenários, nos quais as mulheres sofreram diversos tipos de violência, entretanto as mais comuns eram a psicológica que não apresentava marcas físicas,

mas emocionais que faz com que as mulheres fiquem presas em relacionamentos abusivos e dominadores. Algumas delas relataram ser perseguidas e ameaçadas pelos seus antigos parceiros mesmo depois de se separarem. Infelizmente, muitas delas não conheciam os tipos de violência contra a mulher e as formas de denúncia e se surpreenderam como a violência pode ser manifestada em atitudes simples do cotidiano. Com isso surgiram vários questionamentos sobre o porque essas mulheres ainda passam por isso em pleno século XXI. A resposta é um pouco mais complexa do que se imagina, pois envolve vários fatores como situação econômica e a própria constituição patriarcal da sociedade que coloca os homens na posição de dominadores, mas também que ainda faz da violência contra a mulher um tabu que não deve ser falado ou discutido levando as mulheres a ficarem com medo de denunciar e aceitar comportamentos masculinos inadequados ou criminosos, e acabam vivendo uma vida de sofrimento.

4. Conclusões

A violência sofrida por mulheres é um problema que acontece em todos os lugares do mundo, mas que é mais fácil de se enfrentar quando elas realmente compreendem o que é essa violência e os meios de denunciar. Infelizmente, na atualidade, muitas delas ainda não têm conhecimento sobre as formas de violência e têm receio de denunciar, por diversos motivos, principalmente medo, porém ao receber informações corretas, obter conhecimento sobre as formas de denúncia e o que é essa violência de fato, elas podem se encorajar e denunciar para encerrar esse ciclo.

5. Referências

BRASIL. Lei nº 11.340, 7 de agosto de 2006. Presidência da república . Planalto, 7 ago.2006. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/11340.htm. Acesso em: 2 dez. 2024.

ARAÚJO, Maria de Fátima. Gênero e violência contra mulher : O perigoso jogo de poder e dominação. São Paulo, 2008. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2008000300012. Acesso em: 2 dez. 2024.

SOUZA, Tatiana Machiavelli Carmo. Violência contra a mulher : Concepções e práticas de profissionais de serviços públicos. Periódico de psicologia , Londrina, 2008. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072018000200003. Acesso em: 14 dez. 2024.

SOUZA, Rosana de Vasconcelos. Fontes de informação sobre a violência contra a mulher. Periódicos de psicologia, São Paulo, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ssoc/a/GCpHjnWHRVh6B4v6v7xV7v/?format=pdf>. Acesso em: 15 dez. 2024.

PORTO, Letícia da Silva. Violência contra a mulher : Um fenômeno global e suas implicações para a saúde pública e os direitos humanos. Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro , Minas Gerais , 2024. Disponível em: <https://revista.unipacto.com.br/index.php/multidisciplinar/article/view/2776>. Acesso em: 10 Jan. 2025.

LEITE, Franciélé Marabotti Costa. Violência contra a mulher e sua associação com o perfil do seu parceiro íntimo. São Paulo, Revista brasileira de epidemiologia, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/rbepid/a/jMJhN76v8Pg4nwZP6Djkzh/>. Acesso em: 10 Jan. 2025.

Agradecimentos

À toda equipe da unidade básica de saúde Dra. Antonieta Rodrigues Viega Filha e a todas as mulheres da área pelo acolhimento e colaboração no desenvolvimento das atividades do programa.

À UFCG pela concessão de bolsa(s) por meio da Chamada PROPEX 003/2023 PROBEX/UFCG.